

METAgraphias: letra JK de JK de utopias políticas possíveis v.3 n.3 setembro 2018
Residência Móvel • Cecília Bona; Gu da Ceia; Luisa Günther;
Marcela Campos; RUT; Thalita Perfeito

RESIDÊNCIA MÓVEL

16

6

É preciso mover-se
Cecília Bona

22

Residência móvel [4778]
Luisa Günther

26

Motorista
Gu da CEI

Texto reflexivo móvel ou 13 notas
Marcela Campos

19

Observatório de beiradas
RUT

Inconstante mobilidade Formicidae
Thalita Perfeito

23

27

Ficha
técnica





**É PRECISO
MOVER-SE**

**Cecília
Bona**

Um dia, uma bicicleta

É curioso como a ação do corpo encoraja pensamentos. As caminhadas dispersas e ritmadas, ou enérgicas e sistematizadas, sempre motivaram e ainda motivam grandes pensadores. Se o caminhar faz fluir as ideias num ritmo determinado pelo passo, do pedalar também germinam ideias com o vento no rosto. Há algo sobre a solidão da ação e o ritmo pelo qual se transita no espaço que reconfigura a paisagem em um tempo mais lento. A percepção se torna mais aguçada, a cidade se expõe em novas camadas. O cenário se expande para além das fachadas e ganha em profundidade, e assim, outros personagens se revelam. Perceber o espaço do cotidiano como novo, do alto do selim de uma bicicleta, é uma pequena alegria e havia em mim a vontade de compartilhar essa felicidade com outros.

A cidade revelada

A cidade aponta para um espetáculo complexo. São inúmeras cenas que se desenrolam simultaneamente com os mais diversos personagens, onde todos compartilham do mesmo cenário, a cidade. Nele, é o espaço que define o trânsito desses personagens. Há um fluxo compartilhado pelas pessoas que responde às delimitações físicas e, muitas vezes, até abstratas do cenário urbano. Todos, movidos pela necessidade de ir e vir, embrenham-se por entre calçadas, avenidas e veículos automotores. O caminho raramente prioriza o sujeito que se põe em deslocamento e os percursos ativos são construídos em resposta à ocupação dos carros.

A mobilidade e a passividade

A imersão nos afazeres rotineiros desconecta as pessoas da complexidade da cidade. O ir e vir se tornam uma necessidade de sobrevivência e se esquece de que ir e vir é, na verdade, um direito, de que uma cidade mais democrática é um direito. A gente, cada vez mais, submete-se a um fluxo automático da cidade e segue o caminho como formigas que andam em fila. Sobe em carros e ônibus que encurtam distâncias vazias entre os pontos de partida e de chegada. A velocidade da locomoção achata a paisagem, e a passividade do deslocamento e a passividade diante do espaço se intensificam. A cidade não é mais nossa.

É preciso se mover

O corpo inerte não ocupa, o corpo inerte se acomoda. Estar atento ao deslocamento é ter consciência de que o espaço da cidade pertence ao corpo. É preciso ocupar, andar, pedalar, subir, descer, ir e vir, para compreender que uma cidade democrática se constrói com o uso. O território deve se configurar em função das necessidades criadas pelo corpo, pela medida humana de ocupação. Se há uma rejeição ao espaço, um abandono da ocupação pública, como reivindicar o que nos é de direito?

A arte como agente transformador

A noção de desterritorialização, fluxo e mudança de paisagem são relações que estimulam e encorajam de forma contundente o pensamento crítico do artista. Mover-se instiga as noções de uso e ocupação do território. A poética tem a potência de apontar esse limite tênue entre a responsabilidade institucional e humana, num sentido de micropolítica, para a ocupação do território. A arte, neste projeto, é um convite à ação do corpo e da mente para resgatar e compartilhar a pequena alegria de andar pela cidade.



RESIDÊNCIA MÓVEL [4778]

Luisa Günther



(...) às vezes é preciso querer chegar a algum lugar: sentir as diferentes possibilidades de espaço como oportunidades para a existência. Outras vezes, estamos exatamente no lugar em que gostaríamos de estar. Entre uma situação e outra existem disparidades incríveis. Em todo caso, a questão da mobilidade implica a intenção de destino, mas, também, a disponibilidade de acesso, a oportunidade de meios, a estratégia do percurso. Escrevo estas palavras como forma de significar minha experiência nesta Residência Móvel. Ficam aqui minhas impressões sobre algo que, para além do devaneio íntimo, aconteceu como uma convivência, como é próprio das residências artísticas. Interpelados por

palestras com especialistas, de diferentes áreas de atuação e trajetórias urbanas em distintos modais de trânsito, quatro artistas tiveram a oportunidade de conceber proposições que refletissem, de forma crítica e sensível, o transporte urbano em uma cidade planejada utópica que saiu de seu próprio escopo há muito tempo. Depois, cada um voltou para a sua rotina: o mesmo e modificado. Tênuos limites das distâncias de si. Disparidades que acompanham a paisagem que passa, já que não somos mais os mesmos.

MOTORISTA

Gu da CEI

Eu cobra. Eu cobrar. Liberdade para
a mobilidade. Serenidade. Voar sem
precisar me identificar. Barreiras.
Busão. Corubujão. Controle.
Câmeras de caça. Caído. Karma. Pico
a sua catraca. Bico a estrada. Onze
e meia. Sete e meia. Cinco reais.
Dormitório. Imóvel. Próxima desce.
Pobre anda de ônibus. Transborda
paga carro. Motora a sua história.
Dirijo-me. Voo alto. Vou alto. Um ato.





13 NOTAS TRANSITÓRIAS PARA TRANSPORTE

Marcela
Campos

1

DESLOCAMENTO

DO PENSAR – como permanecer num lugar modifica o espaço possibilidade de psicogeografias
caminhar sem destino leva a algum lugar
transporte como suporte

2

AGIR

transitar como ato político

ir - ser – esperar - caminhar – ocupar – correr - imergir
– repousar – esperar - chegar – sair voltar

probabilidade do tempo
transporte catapulta

3

JUNTO OU SEPARADO

coletivo ou individual

TEORIA E/OU PRÁTICA

público e/ou privado

ENCONTRO / CONFRONTO

gestos sociais de estar no espaço público

4

DEITAR É TRANSPORTE PÚBLICO?

5

QUESTÕES FUNCIONAIS

o que é preciso para transportar-se?

qual é o preço do transporte?

transporte é privilégio?

cidade planejada para quem?

como o horário do transporte público afeta

a cultura da cidade?

qual é o tempo que separa dois

transportes?

onde orbitam as cidades satélites?

como se define um trajeto?

até aonde ir?

(...)

não adianta querer ser,

tem que ter prá trocar

o mundo é diferente da ponte prá cá

Da ponte prá cá – Racionais MCs

6

QUEBRAR ROTINAS COTIDIANAS

estética acerca do direito de ir e vir

impulsos espaciais de ir e vir





7

PAISAGEM – RETRATO

(vasos sanguíneos transportam sangue para todo o corpo)

8

A ORIGEM NÃO É NECESSARIAMENTE UM COMEÇO como pensar no deslocamento afeta minha produção artística (e vice e versa) descolamento é apenas uma ponte uma ponte também é caminho o caminho é mais importante que o fim?

9

ENCONTRO / CONFRONTO

Gestos sociais de estar no espaço público

10

CARRO, ÔNIBUS – rotas controladas
BICICLETA, CAMINHAR – rotas + livres

11

INDÚSTRIA DA SEGURANÇA
INDÚSTRIA DO MEDO



12

transporte para lazer é um luxo

DESEJOS DE TRANSPORTE: aonde você que ir?

[exclusão espacial]

repensar vazios

13

TÍTULO SEM OBRA

propor circuitos

promover dúvidas

provocar desvios

gerar esbarros

**A VIDA
É UM
EMARANHADO
DE NÓS**

**INCONSTANTE MOBILIDADE
FORMICIDAE**

**Thalita
Perfeito**

Durante boa parte de minha vida, passei muitas horas por dia me deslocando de Valparaíso de Goiás para o centro de Brasília. Duas horas para ir e duas horas para voltar, por dia. Em um cálculo simples: uma média de 1040 horas gastas no final de cada ano, quase dois meses em trânsito. Pensando no tempo como modo de estimativa de vida, lá no fundo, eu pensava que estava perdendo meu tempo. Hoje percebo que o tempo “perdido” também poderia me servir como inspiração.

A experiência com a Residência Móvel foi uma oportunidade de transformar minha visão sobre a mobilidade da cidade, sendo de fundamental importância para a configuração do meu trabalho “Inconstante mobilidade Formicidae”. Partindo da vivência com a cidade e da troca com as pessoas surgiu um vídeo. A imagem mostra uma parede em branco e, aos poucos, pequenas formigas vão caminhando por essa parede, indo e voltando, numa trajetória constante, criando uma linha imaginária ao longo da parede.





Assim como as formigas, milhares de trabalhadores do entorno e das cidades satélites vêm e vão todos os dias, cumprindo suas funções dentro da sociedade. Mas diferente das formigas que possuem um sistema de mobilidade extremamente eficaz, nós, humanos, preferimos utilizar modelos de mobilidade que encarecem o custo de manutenção das redes, aumentando os deslocamentos e não considerando as diversas distâncias e características dos locais. As formigas tratam a questão da densidade e expansão do sistema com planejamento, nunca permitindo um crescimento desordenado que possa colocar todo o sistema em risco. Em nosso caso, a analogia de crescimento pode ser feita com o meio de transporte mais utilizado em Brasília, o carro.

Com um lápis de cor amarelo intervenho na parede branca e no caminho das formigas; traço uma sinalização de trânsito horizontal no caminho que elas percorrem, fazendo uma analogia com as estradas para carros. Rapidamente as formigas desviam o caminho, analisam o traçado e modificam os seus percursos.

No meio do processo da residência decidi que o áudio desse vídeo deveria ser a voz das pessoas que faziam o mesmo tipo de caminho que o meu. Fiz algumas entrevistas com os trabalhadores que percorriam grandes distâncias todos os dias, na rodoviária de Planaltina e na rodoviária do Plano Piloto. No vídeo das formigas o barulho de ônibus, de gente transitando e de camelôs permeia a fala das pessoas, contando o dia a dia de estresse e desconforto com a situação do trânsito.



OBSERVATÓRIO DE BEIRADAS

RUT

observatório de beiradas
um moderno empreendimento
são futurísticas moradas
no vazio aberto das calçadas
entre intervalos de pensamento
conheça já as unidades disponíveis!

- i -

a beirada, o que é, como cruzá-la?

beirada, fim e começo
de onde atravesso

aberta, não está murada,
é transiente o seu contexto,
onde transpor significa
deixar o ensimesmado
pra do outro tornar-se vidente.

o fim de um degrau que piso
no início do nada, um abismo

do passeio até a avenida
não há distância, há somente
um véu-no-vão do urbanismo

tão longe quanto um meio-fio
o distante de nós, simplesmente,
distados num coletivo
unidos no seio do comunismo -
urbana entropia no asfalto quente.

- ii -

um pequeno bairro é circundado pelo vazio inabitado, como fortaleza em torno de um oásis no deserto

na ponta do pelo da tua pele
é físico o limite, é externo.
engano, em que pese a célula
da última de tuas paredes,
pensar que o corpo se esquiva,
pois nascemos crivados de beiradas.

são marcas que nos precedem,
jogadas de outras margens ativas
que re-traçam barreiras herdadas
e propõem fronteiras gestadas
nas corporações, classes, famílias!

tem mal-estar na cidade,
na margem do olhar decaída,
e nos limites do ser interroga-me
o medo dos homens de idade.
tocarei eu sua ferida
com o fato de ser estrangeiro?

quanta ameaça transporto
neste meu rosto esquisito,
o cansaço abatido nas juntas
eu, viajante no Plano Torto
recebido pelas tuas lanças?

que tramas aí, me perguntas,
assombração de vizinhanças?
“é que, perdido neste mar grande
ao ver um pedaço de terra abundante
decidi: será meu, teu quilate!”

resisto como quem arroga.
e não é assim que se apropria
inarredável ao longo da via
aquele que me interroga -
barreira das minhas jornadas?

sua murada morada, Labirinto,
deseja esconder as beiradas.
no centro, incutido recinto
um cofre blindado encerra
a retranca da mais-valia.

hiberna-se ali, conservada,
a diferença entre os vazios:
do meio da caixa-forte até o privativo
nada.

incide o dispositivo
em todas as casas do bairro,
e no âmago do recolhido.

AVISO
o protesto acima foi encontrado
na caixa de correspondências
da Associação Feudal de Moradores
do Bairro-Condomínio Oásis de Cinco Residências

décadas passadas jamais imaginariam
para além daqueles fechados abrigos
hectares mil ao vento de um deserto.

durante o desterro, as intempéries naturais
varreram os restritos lugares centrais
e ao redor ocorreu a mistura de classes sociais,
com desabrigados obrigados à igualdade.

- iii -

um futuro inventado para a cidade nova, Beiradilha, tornada cinturão agregador de conflitos...

famílias de posses um dia aquilatadas
a orbitarem no em-volta de onde moravam,
fugidas de terras desertificadas
vivem utopia de retorno à restrita plêiade.

em áreas outrora satélites
antes do evento crítico
subjugadas ao centro político
e segregadas das elites.

com o desterro receberam afluxo
e o inchaço instaurou a beirada,
com gente de berço desabrigada
carregando o fardo de perder o luxo.

no cinturão, como foi chamado,
a união de habitantes do velho Estado
é artifício da sobrevivência:
dominante pede teto ao assentado.

vedadas as rotas de fuga legais pelo contorno
devido ao endurecimento das divisas
e o mar violento mais além do Entorno
um novo projeto mudará o rumo dessas brisas.

querem restaurar o original cerrado.
Isso requer o levante de um alagado,
jorrar lençóis, do solo drenados
sobre as ruínas da cidade dos antigos,

riachos tomarão a malha viária
da extinta comuna de motorizados,
e passarão pela célebre Rodoviária,
a escavação de cânions na Esplanada
era lugar de castas nobres hereditárias,
desde onde a margem de um já seco Lago
levará canoas através dos ministérios,
(panteões da velha ordem estatizada);

prédios públicos e
palácios serão a
remo acessados
a partir das jane-
las dos primeiros
andares,
como memoriais
do ofício de
obsoletos
engravatados.

NÃO ESTARIA
ISTO ERRADO?

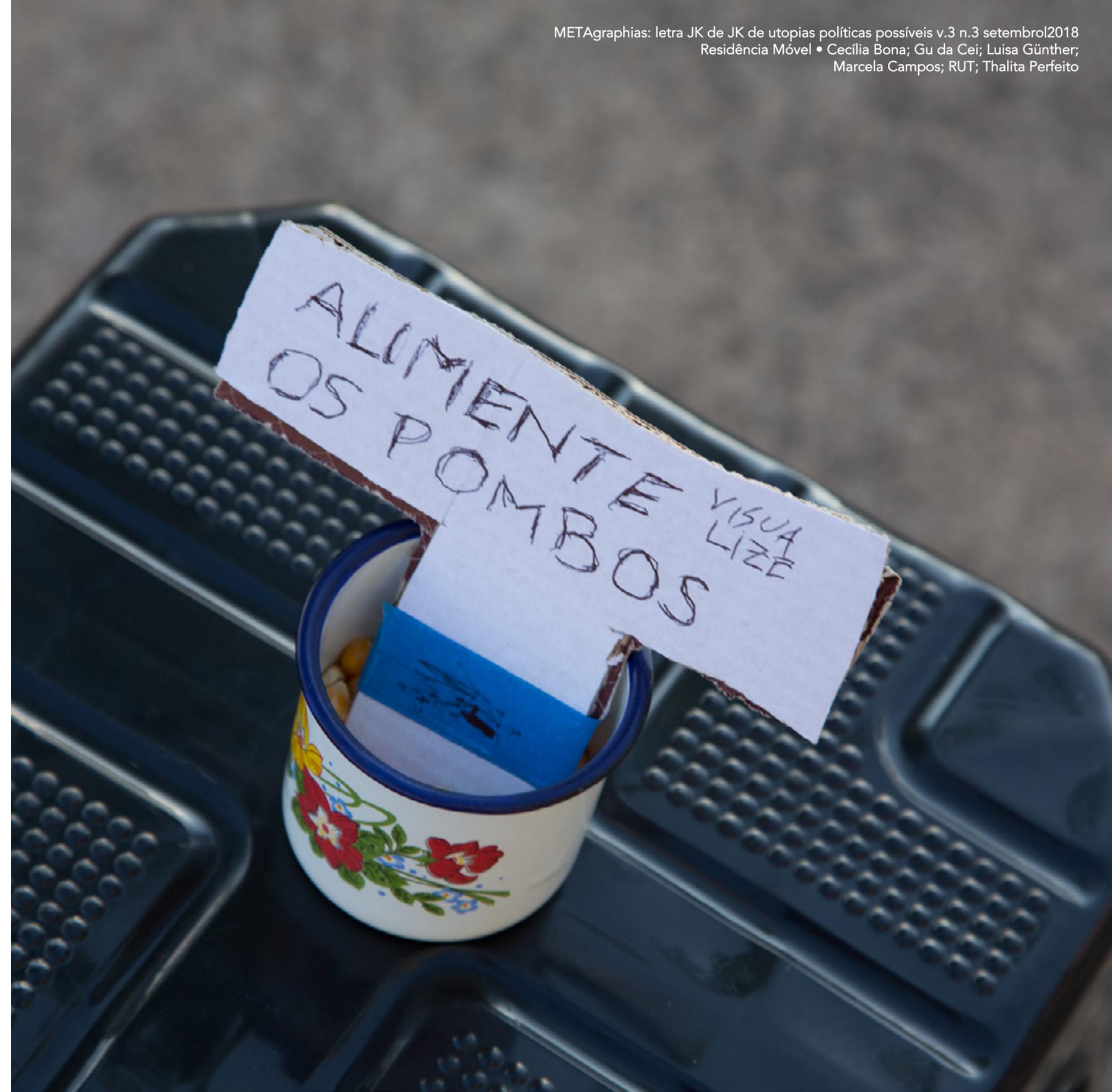
mais que faraônica é a sugestão
desse lugar de excursões enigmáticas
entre belezas históricas e aquáticas -
nem o visionário Behr fez alusão!

mas criticam-se os seus avatares
por tratarem o deserto do segundo milênio,
entre discursos alienantes, como ilusão.

as dunas e a mobilidade cigana
na claridade torrencial e quente
não farão parte da memória mundana
se o novo idealismo lhes fizer rasura.

na defesa de uma nova cultura
Beiradilha deve ter assentadas
em palafitas as ruínas do patrimônio -
mas só as que não submergirem nas águas.
(silenciadas)

o que sobrar nesses rincões,
no Plano das Águas valerá zilhõe\$.



no fronteiroço, nem sempre a diferença é manifesta, afinal há divisas submersas em rio.

Cabeceira Grande, Formosa e Paranoá afundam no Rio Preto, que não vemos repartido. perto da linha entre Estados na beira d'água mergulho os pés em seu frio

então concluo ser a beirada um descontínuo da paisagem, percebido.

enquanto se oculta a divisa em formal e político traçado, há diferenças sentidas por todo lado,

mas a paisagem subjetiva incide na intimidade perceptiva, em que o sujeito é chamado a conhecer o diferente dentro do restrito eu, interno

navega à deriva para notar esse mundo diverso, fora de si, externo!

neste lugar oculto em que se move também a divisa no seio do pertencente, viaja no limbral o vivente, da paixão ao conflito iminente.

arrulho: joguetes para observação dos pombos e da cidade

usar milho e alimentos pros pombos, tentar aproximá-los sem forçar, criar relações, contemplar, interagir, aceitar que outrxs participem e a dinâmica do lugar interfira & repetir em lugares diferentes

ar que outrxs participem e a dinâmica do lugar interfira & repetir em lugares diferentes

Epílogo em dois atos -> - a -

Caso permita o acesso desta poesia, pare, olhe, escute, perceba enquanto respira

uma voz-guia pra meditação...

- b -

o observatório acontece de forma estimulada

o que se passa na soleira das suas visões? deixar de ser pra poder ver e voltar a ser

o observatório de beiradas convidada a unir o seu ser

o observatório de beiradas convidada a unir o seu ser

serviços em que observe e seja observado alianças públicas com o transeunte ao lado sem impostos ou autarquias

reinvente a cidade, um lugar imaginado, inverta o sentido e a direção das utopias, inventado pro desabafo orientado

um dormitório móvel pode ser inventado pro desabafo orientado

crie e ofereça você mesmo serviços inexistentes para intervir nos fluxos intermitentes

Ação e Relação: sem transformar o outro em objeto de pesquisa; explorar poética de autoinclusão, autoconhecimento;

o em objeto de pesquisa; explorar poética de autoinclusão, autoconhecimento;

Realização: agir simples, com direção para o futuro

Poema idílico sobre a diferença entre beirada e divisa...

Potência: agir, alim... a geração de energia no interior das micro-ondas



Idealização

Cecília Bona

Comissão de seleção

Cecília Bona

Luisa Günther

Marília Panitz

Matias Monteiro

Orientadoras

Cecília Bona

Luisa Günther

Coordenação de produção

Dani Estrella

Gestão financeira

Elisa Mattos

Design

Gabriel Menezes

Felipe Cavalcante

Luã Leão

Assessoria de imprensa

Luiz Alberto Osório

(Agenda KB comunicação)

Assistência de produção

Léia Magnólia

Registro videográfico

Lino Maury (CAB)

Registro fotográfico

Ádon Bicalho

Edição do vídeo

Barco Estúdio

Palestrantes

Carolina Pescatori

Bruno Terra

Raphael Dorneles

Revisão

Palco y Letra

Artistas

Gu da Cei

Marcela Campos

Thalita Perfeito

RUT



ESTE PROJETO É REALIZADO COM RECURSOS DO FUNDO DE APOIO À CULTURA DO DISTRITO FEDERAL.

Produção

Apoio



UnB | DEX
Casa da Cultura da América Latina

Secretaria de
Cultura

**GOVERNO DO
DISTRITO FEDERAL**